

Eduardo Peyon ¹

Resenha do livro:

O Homem Moisés e a Religião Monoteísta – Três Ensaio: O Desvelar de um Assassinato de Betty Bernardo Fuks. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

A obra *O Homem Moisés e a Religião Monoteísta – Três Ensaio: O Desvelar de um Assassinato*, da psicanalista Betty Fuks, tem diversos méritos, que a tornam uma leitura inescapável para todos aqueles interessados na discussão sobre o laço social na contemporaneidade. Entre estes méritos está a ênfase no desenvolvimento teórico que *O Homem Moisés e o Monoteísmo* representou na obra freudiana. Leituras enviesadas pelo aspecto biográfico ou pelo teor político, de fato presentes na obra, relegaram a um segundo plano

os avanços que o livro trouxe na análise psicanalítica da Cultura. *O Homem Moisés...* é, como a autora demonstra com clareza, o esforço final de Freud para compreender a Cultura, partindo do exemplo específico da formação do povo judeu e fazendo uso de suas últimas construções teóricas.

Retrilhando as investigações de Freud para construir seu livro-testamento e dialogando com autores como De Certeau, Derrida, Lacan, Levinas e Yerushalmi, a autora desvela não apenas as trilhas freudianas na investiga-

¹ Psicanalista. Poeta. Mestre em Psicologia Clínica (PUC-RJ). Doutorando em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Universidade Veiga de Almeida - RJ. E-mail: dudapeyon@hotmail.com

ção da origem e do assassinato de Moisés, mas a atualidade e relevância destas. Certamente, o contexto dos anos de 1930 marcou profundamente Freud, e despertou na intelectualidade judaica a questão sobre o percurso do povo judeu ao longo da História; são, contudo, os avanços teóricos finais de Freud que permitem a escritura de *O Homem Moisés*, bem como a judeidade do autor, caracterizada pela recusa ao dogma e pela constante abertura ao estranho e à reescritura da psicanálise. Betty Fuks esclarece com detalhes como essa capacidade freudiana de acolher o estranho relaciona-se com o fato de Freud ser herdeiro de uma tradição de leitura à letra da Torá. Nos informa ainda que o filósofo Levinas chamou esse modo de interpretação de “princípio ético da diferença”, complementando que o trabalho de leitura à letra permite forjar novos sentidos aos textos sagrados.

Na Introdução do livro, a psicanalista reconstrói os afetos e conflitos que marcaram a árdua escritura de *O Homem Moisés*. Destaca que Freud referiu-se ao livro como uma despedida não desprezível, percebendo que se tratava de sua última grande construção. Indica ainda como, diante da ascensão do Nacional Socialismo na Alemanha, refletir sobre a barbárie era uma questão ética prioritária. Lendo a obra de Betty, desvela-se também a urgência de uma reflexão ética acerca do laço social na contemporaneidade e, certamente, os

avanços teóricos e reflexões de *O Homem Moisés* são essenciais, ainda hoje, como deixa claro em seu livro.

Por que Freud se interessou por Moisés às vésperas de cada uma das grandes guerras? – indaga Betty. Nestes dois momentos de iminente ruptura da ordem pública e emergência da violência, Freud debruçou-se sobre a figura do legislador originário. Era imperativo compreender não apenas a ruptura radical com a lei que as guerras concretizam, resultando em extrema violência, mas também o lugar do judeu no contexto da história ocidental, especialmente diante do recrudescimento do antissemitismo e das perseguições. Nesse sentido, o lugar de Moisés, como fundador deste povo e transmissor da lei divina, torna-se essencial na pesquisa freudiana sobre a Cultura, mas também, como mostra Betty, uma espécie de ponto de referência para um povo sem terra, que se re-unia por meio da letra e da tradição religiosa.

A temática da relação com a Lei e com o outro, tão presente em *O Homem Moisés*, nossa autora vai trazendo para a atualidade *pari pasu* ao desvelamento da intrincada construção freudiana, desde as bases da hipótese da egipcidade de Moisés até as questões essenciais sobre os conceitos de verdade histórica - desdobramento do conceito de construção em análise, elaborado em 1937 - e de herança arcaica, entendido sob a perspectiva da transmissão simbóli-

ca da cultura, e não como herança genética, cuja formulação em *O Homem Moisés* é central para a compreensão da obra. Todos recebemos, pela via do simbólico, a mensagem inconsciente de que o primeiro pai foi assassinado, e o que Betty vai mostrar é que, ao analisar a formação do povo Judeu, Freud demonstra como os judeus desmentiram o assassinato de Moisés, seu fundador; assassinato este que repetira, em ato, a morte do Pai da Horda Primordial, conforme descrito por Freud em *Totem e Tabu*. Este ato deveu-se a uma negação do assassinato originário, e foi desmentido para sustentar uma relação especial dos judeus, a de povo eleito, com Deus.

Se Freud desconstrói o Moisés bíblico para ir além da Tradição, Betty escava um tanto desse além, possibilitando ao leitor, inclusive, posicionar-se de forma diferente ante o debate sobre o sujeito da pós-modernidade. O desmentido (*Verleugnung*), modalidade de negação estruturante do povo judeu segundo Freud, é um mecanismo contraditório na relação com a visão da castração materna, que na letra freudiana lançava, a partir das suas elaborações sobre o fetichismo, um caminho de compreensão para divisões mais profundas do eu. Apesar de ter como exemplo originário o fetichismo, o desmentido não se restringe ao mecanismo típico de uma estrutura psíquica ou de uma perversão, mas se apresenta como

uma possibilidade de relação do sujeito e dos povos com a realidade.

Acompanhando a leitura de Betty, é possível compreender que Freud subverteu a certeza bíblica de que Moisés era hebreu para “introduzir na teoria o lugar do estrangeiro na formação de um povo” (p. 59) e, em seguida, rever as condições da morte de Moisés, construindo a versão do assassinato do legislador pelo seu povo. Está em jogo nesta construção freudiana a verdade histórica de que trata a psicanálise, distinta da verdade material. Esta verdade histórica, cuja origem conceitual remonta ao início da clínica psicanalítica, quando Freud percebeu a complexa relação entre realidade e realidade psíquica, Betty sintetiza afirmando ser “o modo como cada um articula a própria história à realidade”. Psicanálise, literatura e história articulam-se, assim, de forma indestrutível.

No capítulo “Moisés, um egípcio: o impossível da identidade”, a autora mostra como a psicanálise implode o tradicional conceito filosófico de identidade ao sustentar que o eu é formado por uma multiplicidade de pessoas psíquicas. Por isso, o conceito de identificação é central para a psicanálise, pois o eu, marcado por um fluxo constante em suas identificações, não é fixo e imutável, mesmo que tenha uma moldura baseada em algumas identificações originárias. Deste modo, não há uma identidade única e idêntica a si mesma. A

identificação, por sua vez, aponta diretamente para o fenômeno da formação do si a partir do outro. No caso de *O Homem Moisés*, Freud vai apontar este fenômeno na formação de um povo: é a um estrangeiro, um homem egípcio, que os judeus devem a sua origem. Moisés, o egípcio, é, na realidade, Moisés, o estranho, o de fora, o outro que finca as bases para a formação do povo judeu. Como afirma Betty: “Freud amplia a condição de estrangeiro do sujeito: a identidade de um povo advém de fora” (p. 80).

O estrangeiro encravado no seio da noção de identidade implode esta noção, pois insere uma diferença radical e fundadora. O expurgo do ódio e a força do laço amoroso entre os membros de um grupo ou de um povo dependem, contudo, do não reconhecimento desse traço estranho como próprio, rejeitando-o e projetando-o no diferente, que se torna desafeto ou inimigo. Deste modo, fica notório, ao longo da leitura, que aquilo que os nazistas odiavam no judeu era uma parte inassimilável da própria identidade plural e multifacetada do povo germânico. Essa perspectiva é a essência do que Freud nomeara “narcisismo das pequenas diferenças”.

Ao debruçar-se sobre *O Homem Moisés*, a psicanalista Betty Fuks traz à cena reflexiva uma questão central na década de 1930, mas que hoje retorna com intensidade, o lugar do estrangeiro na Cultura, especialmente num mun-

do onde as distâncias geográficas foram pulverizadas pela facilidade de deslocamento e o (des)encontro entre povos é potencializado pelo deslocamento das plantas produtivas conforme os interesses de lucro dos capitalistas. Estamos realizando hoje, e sempre, uma escolha essencial para a Humanidade: incluir ou excluir o outro, o diferente. Se prevalecerem ideologias que recusam o ingresso do estranho, incapazes de reconhecer a própria cisão e as próprias questões identitárias, estaremos estimulando o choque entre as culturas e o ódio insuperável.

Numa época cuja ideologia dominante desmente o elemento político por meio do uso instrumental da verdade científica, seja no conceito de Mercado, seja na explicação dos comportamentos humanos em bases puramente físico-químicas, apontando para uma lógica da pureza, que é a lógica da causalidade linear e do princípio da identidade, Betty relança a polissemia *impura* de cada história, individual ou coletiva. Essa polissemia *impura* que nos enlaça e que fica evidente na força do ódio ao estrangeiro, ódio que é o índice extremo de nossa vinculação ao outro, dentro e fora de nós. Em tempos de tanta intolerância e automatismo, a releitura empreendida por Betty Fuks nos mostra a coragem de Freud e de seus herdeiros em seguir pensando sobre a existência humana numa época onde o pensar parece ter sido engolido pela tecnologia e

pela ação, e toda diferença cultural esmagada pelo Mercado e pelo consumismo voraz que o sustenta.

Ao desvelar a obra freudiana, Betty torna evidente que a máquina de morte nazista buscou construir um mundo sem outro a partir de um padrão de raça pura. Esse padrão de pureza, de identidade total, marca a absoluta negação do outro e a incapacidade de olhar para si mesmo e reconhecer-se plural, múltiplo, diverso. O sonho da identidade levado ao extremo é a base do horror. O que Freud, lúcido acerca do significado político de sua obra, nos mostra com a escrita de *O Homem Moisés* é que todo povo e todo indivíduo têm como origem um estranho, um estrangeiro. Esse outro que nos origina e nos habita, clandestino visceral, origem mais profunda de nós, fragmenta o ideal de pureza e unidade que embasa não apenas os nacionalismos radicais como as teorias que se apegam dogmaticamente à causalidade única e linear dos fenômenos humanos.

Fuks nos convoca a reconhecermos em nós mesmos a crueldade que nos habita. Antes de transformamos o outro em senhor da violência, devemos nos apropriar e dar asilo a nossa própria pulsão de morte, para eticamente lidarmos com ela no encontro cotidiano com o outro. Nos diz a autora: “se queres preservar a vida, aproxima-te da crueldade que te habita e com a qual deves aprender a viver”. Transformar

a crueldade em beleza ou em tortura, em negociações diplomáticas ou em guerra, em vida ou em morte, é fruto da consciência ética dos seres humanos e dos povos. Retomando, ao final do livro, a imagem do cavaleiro errante lidando com a força de seu cavalo, Betty nos convoca a reconhecer nossas potências pulsionais e enlaces culturais, com muita coragem para acolher o estranho que nos habita e espelha, de modo a não desprezarmos levianamente o outro.